

NOTEBOOK DE XANGAI

Singapura: a praga das famílias Indonésias sem segurança e direitos

por Alberto Forchielli*

A morte de uma criada birmana levou ao total de dez acidentes de trabalho este ano em Singapura, somando-se às nove mortes de mulheres indonésias. Morrer a trabalhar, fazendo tarefas domésticas para as famílias da ilha. Na maioria dos casos caem de lares onde lavam as janelas ou a estender a roupa para secar. A contagem macabra não pode limitar-se à fatalidade quotidiana, ou ser considerada um grão de areia na perfeita maquinaria da modernidade.

O estado da cidade representa o melhor exemplo da globalização asiática. Moderna, funcional, limpa, livre de poluição e corrupção, com excelência em serviços e infraestruturas. Estas qualidades chocam com os aspectos menos nobres dessas torres no tratamento dado às empregadas domésticas. Vivem em Singapura mais de 200 mil empregadas, metade delas indonésias, um número crescente que tem vindo a substituir as mulheres filipinas. Elas são atraídas por salários baixos, mas maiores que aos do seu país. Eles oferecem o seu trabalho para locais e estrangeiros sem garantias e sem proteção. Praticamente não têm horário de trabalho, vivendo na casa e estão, portanto, sempre de plantão. Os seus passaportes são retidos e estão numa fraca posição de negociação quanto aos direitos sindicais que devem reivindicar. As suas funções não estão definidas e tendem a expandir-se, na limpeza das casas ou em atividades comerciais.

O governo de Singapura está alarmado e a tentar resolver a situação através de leis de recrutamento mais rigorosas e da difusão de uma cultura de segurança. Procura dar uma resposta a Jacarta que tem expressado repetidamente o seu protesto contra o tratamento recebido pelos seus compatriotas. É um fenómeno que afeta igualmente as Filipinas que encontra na emigração reforço para a economia interna através das remessas.

A emigração no arquipélago ronda mais de 10 milhões de pessoas, cerca de 10% da população. A vida doméstica da economia mais avançada da diáspora chinesa é praticamente realizada por criadas provenientes dos países mais pobres do Sudeste Asiático. Hong Kong torna-se aos Domingos uma ilha filipina, com as mulheres que se reúnem na sua folga semanal. Paisagem também encontrada nos espaços que circundam a opulenta Orchard Road em Singapura.

A crítica não só diz respeito à exploração do trabalho, mas envolve também os numerosos casos de violência e, por vezes, tortura. As queixas não revelam toda a realidade, escondida por medo de represálias ou de deportação. As mulheres indonésias são pagas em dinheiro e sem um contrato que possa mínimamente protegê-las. Assim, elas estão à mercê de quem as emprega, tendo-lhes uma submissão absoluta. Os países que permitem esta forte emigração são responsáveis por esta situação inaceitável. Preferem insistir na retórica nacional em vez de criar postos de trabalho. Os trabalhadores no estrangeiro apoiam a economia, mas deviam ter emprego no seu país para evitar a humilhação e assédio.

Ao mesmo tempo os países mais ricos devem integrar a vertente económica com a ética. O bem-estar, a prosperidade inventa pretextos sobre o respeito pelas pessoas, uma débil desculpa para quem não tem a capacidade de ver além dos interesses económicos, mais importantes que o destino dos que morrem no seu local de trabalho.

Milão, 28 de Maio de 2012

*Presidente de Osservatorio Asia